



Nº 42 - JANEIRO/FEVEREIRO 2023

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO: DIVULGAÇÃO



Disputar o país e a alegria nas ruas

**Raull Santiago: como
articular governos,
empresas e periferias**

**Swing do Pelô resiste
com música, educação
e alegria em Salvador**

AGENDA DE LUTAS FEVEREIRO DE 2023



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Disputar o país e a alegria nas ruas!



FOTO: DIVULGAÇÃO

Começamos o ano de 2023 com uma grande mudança no Brasil: a saída do governo do ódio e das mortes de Bolsonaro, o início do governo de esperança e de vida de Lula, em seu terceiro mandato como presidente. Sabemos, e já

afirmamos diversas vezes que, por si só, a mudança de um governo não significa a garantia de uma vida melhor para a população, especialmente as periféricas. Mas, ao mesmo tempo, não temos a menor dúvida de que essa mudança sig-

nifica sim, pelo menos, a possibilidade de uma disputa nos marcos da democracia, da verdade, da valorização da vida, da diversidade e construção de uma sociedade justa e menos desigual. Essa certeza não se baseia apenas na confiança do que

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** FERNANDA ESTIMA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

se tem dito que será feito e construído conjuntamente com a sociedade, mas também no que já foi feito, em menos de um mês no país. Desde as nomeações históricas para ministérios e cargos de direção, passando pela rápida recriação dos Conselho de Participação Social e do Sistema de Participação Social Interministerial e pelas várias reuniões e diálogos realizados com representantes da classe trabalhadora, de movimentos antirracistas, feministas e periféricos, entre outros.

Todavia, sabemos também desde os primeiros dias, que as disputas serão grandes. Tanto dentro do que hoje faz parte do governo quanto as disputas com a extrema direita golpista e fascista. Entendemos que as chances de vitória e conquistas nessas batalhas serão dadas na medida em que conseguirmos mobilizar mais e mais pessoas para estarem presentes nos espaços públicos, nas ruas. Entendendo as ruas como os locais nos

quais a sociedade pode se ver, se descobrir ou se envergonhar. Os locais nos quais a democracia pode ser assegurada ou golpeada. Portanto, por esse lado, o momento é de considerar as ruas os locais privilegiados para as mais decisivas disputas políticas.

Por outro lado, o momento também é, depois de dois anos de pandemia, a volta dos carnavais de rua, celebrando a cultura popular mais uma vez nos espaços públicos e a construção coletiva da alegria. Essas comemorações se dão, ainda que a pandemia não tenha acabado, porque agora temos vacina e a rápida retomada da valorização do SUS, com políticas públicas de saúde para cuidar da população. Nesse tema, é preciso também destacar a importância do resgate da valorização dos blocos locais, das celebrações territoriais e de todo necessário investimento e infraestrutura pública que as cidades precisam ter para que o carnaval possa consolidar-se como

uma festa popular e não segregadora entre quem pode pagar e quem não pode, entre brancos dentro das cordas e das festas fechadas e negros do lado de fora ou trabalhando nelas, entre homens que se divertem e mulheres que são assediadas por esses, entre pessoas cis gêneras e héteras se divertindo e pessoas LGBTQIA+ sofrendo preconceito ou sendo ridicularizadas. O carnaval precisa e pode ser para todo mundo. Campanhas de conscientização, diálogo entre poder público e organizações de blocos, verba para infraestrutura e realização dessa festa precisam ser realidade e permanentes durante todo o ano. Tendo uma ministra da Cultura como Margareth Menezes, mulher negra que tem sua trajetória de cantora e de defesa da cultura interligada ao carnaval da Bahia, nos enchemos de esperança e de disposição para lutar para que essas e tantas outras demandas da área cultural possam ser concretizadas nos próximos períodos.

Em artigo, Elton Jhony Silva de Carvalho e Gabriel da Conceição Mendes, militantes do Levante Popular da Juventude em Roraima, analisam os últimos 4 anos de luta do movimento, composto na região por jovens indígenas e não indígenas. Registram a importância de terem somado na luta pelo Fora Garimpo e Fora Bolsonaro e afirmam que a esperança com o novo governo seja concretizada na retirada dos garimpeiros de terras indígenas demarcadas, na preservação do meio ambiente e cultura local e para que a juventude organizada seja protagonista nesse novo tempo.

O entrevistado do mês é Raull Santiago, jovem liderança do Complexo do Alemão (RJ). Com forte presença nas redes sociais, o influenciador digital e fundador de coletivos

como A Brecha ganhou mais notoriedade ainda no ano passado, quando, ao lado de Lula numa atividade de campanha no Rio, vestindo um boné com a sigla CPX, foi acusado nas redes bolsonaristas de ser traficante. Raull sonha com a formação e criação de novos espaços de poder para lideranças vindas das periferias. Na entrevista, afirma, entre outros pontos de vista: “se hoje o Lula me perguntasse ‘o que é que eu tenho que fazer para solucionar as crises que existem no Brasil?’, eu diria, cara, olha para a periferia, ouve a periferia”.

A seção Perfil apresenta a Associação Carnavalesca Swing do Pelô, capitaneada pelo mestre Ivan e sua filha Vanna. Nascido no Pelourinho, em 1988, o coletivo se destaca pelo protagonismo ao formar percussio-

nistas ao longo dos anos em atividades educativas que envolvem meninos e meninas, além de apresentações no carnaval.

Acreditamos que ocupar as ruas com mobilização popular e com alegria devem ser mais do que realizar eventos pontuais ou espontâneos. Devem ser a estratégia principal para fazer as esperanças das periferias com o novo governo virarem realidade. Esperamos que o conteúdo dessa edição da Revista Reconexão Periferias contribua para, coletivamente e de forma organizada, construirmos essa tática rumo a conquistas tão urgentes ao nosso povo brasileiro.

Boa leitura! Boas lutas!

Léa Marques - Editora da Revista Reconexão Periferias ■

Vozes do extremo Norte: diversidade e protagonismo das juventudes

ELTON JHONY SILVA DE CARVALHO E GABRIEL DA CONCEIÇÃO MENDES



MARCELO CAMARGO/AGB

ELTON JHONY SILVA DE CARVALHO É COORDENADOR NACIONAL DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE EM RORAIMA E ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

GABRIEL DA CONCEIÇÃO MENDES É MILITANTE DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE E ESTUDANTE DE PSICOLOGIA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

As juventudes, representadas na história pelos estudantes, tiveram e ainda têm um papel de protagonistas na história do Brasil. Na região norte alguns estados brasileiros têm mais tradição em lutas sociais do que em outros, e aqui, no extremo Norte do país, também lidamos com juventudes que expressam a sua arte de modos diversos.

Por aqui temos as juventudes da periferia, universitária, camponesa e a indígena, que vivem nas comunidades mas realizam intercâmbio cultural com bastante frequência, e essa troca fez e ainda faz com

que percebamos nossa pluralidade e convergências que nos impulsionam a não ficar parados.

Nos últimos 4 anos organizamos em Roraima o Levante Popular

da Juventude, que tem como horizonte organizar essa juventude diversa e desafiadora. Percebemos que esse intercâmbio de vivências entre os jovens indígenas e não indígenas no movimento gera uma

capacidade de se observar no mundo, além de uma grande vontade de expressão. O contato com o outro que acolhe sem preconceitos gera uma gama de sentimentos que só quem viveu a troca de experiência consegue explicar e algumas vezes nem consegue. É com a juventude organizada que potencializamos esses sentimentos, mas não somente sentimos, focamos toda essa energia, que é coletiva, e a partir desse ponto comum nos unimos e nos tornamos mais fortes e engajados politicamente e socialmente.

É possível perceber que o convívio com uma juventude diferente da sua gera todo tipo de emoção, mas quando ela tem uma direção política, o horizonte de todas essas juventudes se torna um só. Mais recentemente essas juventudes se uniram em defesa da democracia.

Em Roraima podemos atuar na realidade concreta dessas diferentes juventudes e podemos falar e fortalecer outros jovens que durante o processo

perceberam a importância de defender a vida, souberam enxergar, de acordo com a sua vivência, qual projeto de país defendem e onde atuar nessa sociedade que se tornou tão mais desigual, violenta e dividida. Com todas as nossas limitações, no decorrer desses anos, conseguimos utilizar diversas ferramentas para conquistar os corações e as mentes dessa diversidade de juventudes, fomos às ruas ecoar o #ForaGarimpo e #ForaBolsonaro, colocamos em prática a Rede de Cursinhos Populares Podemos+ e, através dela, colocamos na universidade diversos jovens que agora atuam no movimento de forma voluntária, no cursinho, além de outros espaços formativos.

Estávamos em um jogo perigoso recentemente: por um lado um plano que defendia a morte e por outro o que defendia a vida. A disputa dessa narrativa foi feroz e desigual, no entanto, conseguimos eleger Lula pela terceira vez presidente do Brasil. Mas percebemos

que, na verdade, apenas estamos iniciando esse processo de recondução e reconstrução do nosso país, estamos no início da retomada de nossa soberania nacional e, falando territorialmente, na luta da conquista de mais espaços no Estado de Roraima, espaços esses que conquistamos a duras penas, com mobilizações, mesmo estando em um grupo pequeno, com articulações junto aos sindicatos e organizações católicas que sempre estiveram ao nosso lado, sem contar com a ajuda que tivemos do MST, que sempre nos apoiou e incentivou a estar nas ruas e ocupá-las.

Aprendemos com o movimento indígena, com o movimento sem terra e o nosso próprio movimento que as eleições são uma estratégia dentro da guerra que vivemos contra o sistema capitalista. Essa guerra estava dizimando o povo Yanomami e a juventude da capital de Roraima, que esteve durante os últimos 4 anos denunciando as violências que estavam acometendo a terra indígena.

na Yanomami.

A nossa luta em defesa da vida está interligada com todas as juventudes, algumas podem não perceber agora ou passam a vida toda sendo enganadas pelo sistema, mas a juventude organizada no extremo Norte do Brasil tá ecoando seu grito em defesa da democracia e da vida, uma tarefa difícil que exige uma paciência impaciente, é um exercício diário, de autocuidado mas também de energia para enxergar o outro como seu semelhante a quem devemos comprometimento e responsabilidade se quisermos de fato ser uma ferramenta revolucionária diante de todos os ataques que ainda sofremos.

O amanhã da Amazônia é agora, e as juventudes representam o presente, o fardo é muito pesado quando dizem que os jovens são o futuro da nação, nós somos e queremos ser o agora, queremos sonhar e agir a partir deles, aprendendo com as singularidades dos povos indígenas que aqui

vivem desde anos imemoriais. Queremos construir um novo modo de viver e enxergar o mundo, sem desigualdades, onde os jovens de fato sejam protagonistas, não só de suas vidas, mas também das políticas públicas que englobam toda a sua existência e resistência.

A participação da juventude junto à política não é uma luta de hoje, sabemos dos nossos desafios e estamos dispostos a continuar fazendo essa tarefa com trabalho e teimosia, sem hesitar em recuar e aprendendo sempre nessa caminhada que traçamos diariamente junto com aqueles que se dispõem a nos apoiar, e principalmente, contra aqueles que ousam nos calar, cercear e silenciar. Somos resistência no estado mais bolsonarista do país, que também é nosso, e lutamos por ele, temos culturas ancestrais, línguas diversas, rios que nos banham, florestas e lavrados que entoam nosso horizonte deixando tudo mais belo, sem contar com os montes e serras que nos agraciam com sua imponência e firmeza. E é sem-

pre com o pensamento de fazer parte de toda essa riqueza que percebemos o quanto se faz necessária a presença da juventude para a manutenção de nossas terras que há tempos vêm sofrendo e sendo desmanteladas.

Nossa esperança é que com o novo governo a retirada dos garimpeiros em terras indígenas demarcadas, a preservação do meio ambiente e as políticas públicas de preservação de nossa cultura sejam realmente levadas a sério, e que nós, a juventude organizada, sejamos protagonistas nesse novo tempo. Sempre estaremos dispostos a enfrentar aqueles que irão de encontro com o que defendemos. ■

Juventude que ousa lutar constrói poder popular!

Periferias, governo, empresas: Raul move as peças do xadrez

ISAÍAS DALLE



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Liderança criada no Complexo do Alemão, no Rio, Raul Santiago circula agora por outras periferias e as conecta com os chamados centros de poder. Em busca de soluções para as desigualdades nos territórios, Raul articula com grandes empresas a troca de inovações e riquezas das periferias para obter apoio a projetos de inclusão. Na campanha eleitoral do ano passado, tornou-se interlocutor importante de Lula para combater o extremismo de direita.

Forte presença nas redes sociais, o influenciador digital e fundador de coletivos como A Brecha ganhou mais notoriedade ainda no ano passado, quando, ao lado de Lula numa atividade de campanha no Rio, vestindo um boné com a sigla CPX, foi acusado nas redes bolsonaristas de ser traficante.

“Isso foi, digamos, um tiro no pé também do próprio Bolsonaro,

porque fez um novo movimento pró-Lula, ainda mais fortalecido nas favelas e periferias” avalia.

Nesta entrevista, Raul nos conta como transitar entre mundos diferentes e manter a crítica ao capitalismo ao mesmo tempo. Empreendedor bem sucedido, ele diz sonhar com o dia em que empreender não seja decisão movida unicamente pela dor.

Ele sonha também com a

formação e criação de novos espaços de poder para lideranças vindas das periferias. “Se hoje alguém me perguntar ‘o que é que eu tenho que fazer para solucionar as crises que existem no Brasil?’, se o Lula me perguntasse isso agora, eu diria, cara, olha para a periferia, ouve a periferia”.

Acompanhe:

Você já havia sido acusado falsamente



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

assim em algum momento da sua vida? Como é que você lidou com isso?

Eu sou cria do Complexo do Alemão. Trabalho com comunicação como uma ferramenta central para mobilizar coisas, para disputar outras narrativas sobre a periferia, para contextualizar a realidade da favela numa ótica que não seja apenas a da criminalização, do racismo, dos estereótipos diversos. E, por isso, muitas vezes, ao longo desse trabalho, tendo os direitos humanos como uma das linhas centrais da atuação em níveis locais, muitas vezes denunciando violência policial

e grupos de milícias, políticos A ou B já tiveram pequenos ataques, mas nunca aconteceu como essa escala.

E aí não só comigo, mas um grupo de ativistas e pessoas que ficaram hiper visíveis naquele momento, principalmente por conta da conexão direta com o presidente Lula.

Mas eu acho que isso tem uma linha do tempo, porque quando a gente olha para trás e para a realidade do Brasil, digamos, desde o golpe na presidenta Dilma, a gente já vem enfrentando essa estrutura, denunciando, questionando, discorrendo dessa prática que

caminhava cada vez mais uma realidade de direita, de fascismo. A gente foi entrando no circuito, no radar dessas pessoas.

A gente foi na resistência a esse processo, ao Bolsonaro, pensando pela lógica dos direitos, pela lógica do enfrentamento ao racismo, pela lógica do respeito à diversidade. A gente sempre questionou muito as falas e os processos, a atitude, a violência daquele governo.

E o auge foi justamente esse período eleitoral, quando o Lula retornou muito forte pra fazer essa disputa sem as estruturas passadas de golpe que

tentaram e que o fizeram ficar fora das eleições anteriores.

E o Lula foi ao Complexo do Alemão, o auge da escalada. Bolsonaro usou muito a ida do Lula ao Complexo do Alemão para atacar as periferias, dizendo que ele havia se encontrado com criminosos. E essas figuras criminosas que ele mencionou eram o Renê Silva, a Camila Moradia, eu e vereadores da cidade do Rio de Janeiro, pessoas comuns, moradores e moradoras daquele território. Isso foi, digamos, um tiro no pé também do próprio Bolsonaro, porque fez um novo movimento pró-Lula, ainda mais fortalecido nas favelas e periferias.

O Lula ganhou e eu fui convocado para estar na posse no dia primeiro deste ano, junto com Rene Silva, que também é do Complexo do Alemão, com o Preto Zezé, que é presidente da CUFA, a própria Camila Moradia, um grupo de lideranças periféricas, estiveram lá nesse dia. E aí, nesse dia, a gente tirou

uma foto com o Alexandre de Moraes. Essa foto viralizou com os dizeres iniciais de “Moraes tira foto com lideranças do PCC”. Essa foi a primeira grande viral desse ano que circulou pelo país como um todo. E pouco tempo depois a gente teve aquele ato absurdo, aquela situação caótica da invasão da Praça dos Três Poderes em Brasília. Eu estava no Complexo do Alemão, recebendo jovens de um projeto de São Paulo que trabalha com educação e tecnologia. E aí eu comecei a receber uma chuva de mensagens das pessoas dizendo que eu estava sendo apontado como um dos líderes do grupo no ato predatório e caótico terrorista em Brasília.

Usaram uma foto minha que eu fiz no dia 1º de janeiro, quando eu realmente estava em Brasília, uma foto que ficou muito famosa no aeroporto, onde eu estou de terno e gravata, com terno azul, com uma gravata vermelha, bem arrumado. E eles pegaram aquela foto e não só tiraram de con-

texto como foram preconceituosos, me colocaram como um segurança do Planalto que facilitou a entrada. Nada contra os seguranças, mas não podem nos ver bonitos e pensarem em nós de maneira diferente.

Você e os coletivos com os quais atua têm uma presença muito forte. E o trabalho de vocês inclui parcerias com empresas, com patrocínios. Nós, aqui do Reconexão, estamos inseridos numa realidade partidária, de movimentos, em que existe uma concepção de que patrocínio privado e militância política não combinam. No entanto, me parece cada vez mais difícil dialogar com a população periférica sem se aproximar de experiências como a sua e de outras entidades, como, por exemplo, a CUFA, que hoje é referência nos meios de comunicação quando o assunto é a periferia. O que a militância partidária pode aprender com vocês?

Essa é uma pergunta muito boa. Eu não diria que seria aprender, mas,

sim, olhar para a própria linha do tempo dessas instituições e ver o que foi mudando ao longo do caminho para ser dado num processo como esse. Hoje, por exemplo, eu faço parte de vários coletivos, ajudei a fundar o Papo Reto no Alemão, o Perifa Connection, que é uma rede nacional. Os movimentos que têm sede no Complexo da Maré, o Favela Dez, que discute questões climáticas e ambientais com a periferia.

Em algum momento da vida, eu resolvi empreender. Aí criei uma agência, uma empresa, que tem a base social fundada por pessoas negras, periféricas, que se chama Brecha. Mas isso já é um outro nível, um outro processo de negócio.

E também hoje trabalho principalmente na área social, mais conectado com grandes empresas, como a Ambev, onde eu faço parte do time de consultoria da Água AMA, e do Instituto Nu Bank, onde eu faço parte do fórum consultivo, entre outras redes.

Eu acho que esse processo que você traz, focado em se fortalecer, ele foi muito importante para formar jovens como eu. Porque eu venho dessa escola e ela me trouxe a consciência crítica e a formação de olhar para o meu território, entender as mazelas e os problemas existentes ali, entender que isso é uma estrutura construída pela realidade das desigualdades, das violências, como

o racismo, de como o capitalismo se estrutura, se espalha pelo país.

Ao mesmo tempo, é uma geração que vai se conectando muito mais rápido do que as possibilidades que tinha no passado, principalmente a partir do acesso à internet. Então, as periferias viram redes nacionais. As referências periféricas começam a ganhar mais visibilidade e vozes novas vão surgindo. Como eu exemplifico, não só o meu caso, mas o próprio Rene Silva, que eu falei anteriormente, que é o fundador do jornal Voz das Comunidades, que é muito conhecido.

Até poucos anos atrás, quando a gente pensava em Complexo do Alemão, olhava para a TV, ouvia no rádio, lia no jornal, sempre estavam falando de lá, e sempre pela ótica da criminalização, das coisas ruins: “Não entra, não vá, não se conecte nesse lugar. Só tem coisas ruins”. Nós, ali dentro do território, vendo tanta potência, tanta coisa incrível. E a



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

internet possibilitou essa primeira expansão de voz de nós mesmos, fazendo uma narrativa, inclusive questionando e disputando narrativas com esses espaços que no passado foram hegemônicos.

Eu uso muita comunicação para refletir sobre esse processo, porque a forma que a gente ocupou as redes sociais para falar de território, levando essa consciência crítica que se traz dos movimentos que nos formaram, nos possibilita uma conexão com essas várias outras realidades que tiveram de se conectar conosco.

Penso que o ponto central nessa reflexão é saber como funciona essa mesa de xadrez. Não é que as marcas sejam legais ou os CEO's agora queiram pensar no seu dinheiro e fazer algo útil. Não é só sobre isso. Óbvio que tem pessoas boas em todos os espaços, mas quando se fala de empresas, essa não é a realidade.

Quando você pensa em ESG, que é a nova sigla do momento para pen-

sar a sustentabilidade, governança e diversidade dentro das empresas, quer dizer que se a empresa é bem posicionada no campo ambiental, que gera pouco dano, trabalha de forma estratégica com carbono, tentando reduzir as suas emissões, etc, isso a faz subir no ranqueamento nacional e global de empresas. Ou seja, ela tem mais chance de ganhar mais dinheiro, de ser uma empresa diversa, ter mais pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, PCDs nas suas estruturas de liderança, em todos os espaços, e isso a leva a ascender nesse ranking. Ela ganha mais possibilidades de fazer mais negócios.

É estratégico ocupar estes espaços por quê? Esses recursos existem e normalmente ficam perdidos ou são mal pensados em sua utilização. E a gente, pessoas como nós, circulando, compartilhando os nossos saberes, tem a possibilidade de se conectar com essas empresas e pessoas com muito dinheiro, mas

não para colocá-las num pedestal de endeusamento, “nossa mano, olha com quem eu vou sentar, é o CEO da empresa...” Não, a gente está sentando de igual, inclusive para colocar o dedo na ferida e dizer: “Cara, a gente sabe que a tua empresa está errando nisso e naquilo, e a gente tem uma solução local que precisa de recurso para ser executada e impactar a vida das pessoas, e esse recurso vocês têm, tá ligado? A gente pode ajudar vocês a solucionar este problema que vocês têm na estrutura da empresa e vocês ajudam a gente nos territórios a construir soluções para a desigualdade”.

Eu acho que são coisas inovadoras. Eu venho de uma geração e hoje os meus filhos são parte de uma outra geração muito mais antenada do que nós. Mas eu venho antes desse tempo. Por exemplo, eu passei por vários processos, como por exemplo “Abaixo a Rede Globo”. Alguns anos depois, eu fiz um trabalho na Rede Globo

porque trabalhava em uma empresa fazendo documentários sobre periferias. E aí era muito também sobre os indivíduos na sociedade que são colocados como liderança. Mas quais são as realidades individuais dessas pessoas?

E aí, nesse período, quando eu tinha acabado de ter um filho, quando tinha desemprego, tinha ameaças por conta do ativismo de direitos humanos e falta de grana, trabalhar numa estrutura padrão acabou sendo a minha sobrevivência, para reenergizar, para ajudar dentro da minha casa, financeiramente falando, sabe? E aí poder passar por um segundo passo, me reestruturar e voltar com força total para aquilo que eu acredito, aquilo que me move.

E isso vale muito, quase como exemplo central que eu posso trazer para retomar, para o período da pandemia. A gente criou o Gabinete de Crise do Complexo do Alemão, assim que a pandemia virou uma verdade, uma

regra, e o isolamento social começou a acontecer. Nesse período, em que imediatamente a fome virou uma dor de verdade, da realidade da nossa população, mostrando o quanto a desigualdade ainda era gritante, a gente botou o dedo na ferida, pressionando empresas e pessoas muito públicas, muito famosas e que têm muita grana a ajudarem o nosso lugar. E a gente naquele período, do primeiro ano até o segundo ano de pandemia, conseguiu ajudar em torno de 75 mil pessoas no Complexo do Alemão, mobilizando um recurso de aproximadamente 11 milhões de reais. E isso veio dessa estrutura, de entender que ela existe e lidar de forma crítica com ela, mas também pensar a partir dessas conexões: como é que a gente constrói soluções dentro do território?

Distribuimos tipo 5 mil cestas básicas mensais durante mais de um ano, movimentando esse recurso e não só fazendo um trabalho local, mas com o trabalho de excelência do território

para fora, na prestação de contas e na produção local. De fazer isso chegar a quem precisa, no monitoramento de demandas.

Eu ousaria dizer que esse período, as relações que eu tenho, e que outras pessoas têm, é também um experimento. Não é nada martelado e carimbado. A gente vem de uma formação crítica e vai utilizando as redes sociais como estratégia de comunicação e narrativa para refletir territórios e mobilizações sobre esses espaços. Nessa expansão de voz, se conecta com todos os tipos de pessoas existentes, algumas para atacar, outras para fazer juntos, outras curiosas em saber como podem ajudar. E eu acho que o que a fizemos foi justamente nesse bolo identificar e mapear as pessoas e os negócios possíveis de alguma troca de ideias para aproximar essas pessoas da nossa realidade e conseguir executar, a curto prazo, demandas emergenciais. Para ter um respiro e conseguir, a partir disso, incidir na construção, em médio e longo prazo, de coisas que a

ENTREVISTA COM RAULL SANTIAGO

gente acredita que, inclusive, muitas vezes vão contra a prática desses espaços. E utilizar em conjunto, no momento de necessidade, para depois partir para um novo ponto, para novas ações. Então, eu diria que são experimentos.

No caso do que eu tenho feito, tem sido muito positivo. Como a água AMA, que é uma marca de água da Ambev com 100% do lucro revertido para apoiar iniciativas que ajudam a dar água potável para quem precisa no Brasil. E aí, por fazer parte dessa estrutura, eu também trabalho muito a pauta climática e ambiental, tive a possibilidade de rodar por vários lugares do país, conhecendo soluções e iniciativas que ajudam a pensar crise hídrica e acesso a água potável pelo país. Inclusive compartilhar e aprender coisas para que as pessoas dos nossos territórios pudessem evoluir ou inovar, ou copiar e colar literalmente iniciativas de outros parceiros, fazendo junto. Iniciativas que constroem soluções reais na ponta pra quem

está em demanda. Então eu acho que é isso.

De uma maneira realista, o que você espera do novo governo?

Eu espero do novo governo um investimento maior da juventude na política, principalmente. Eu acho que o Lula foi a válvula de escape muito boa para esse enfrentamento ao bolsonarismo. Mas o bolsonarismo é uma realidade, a polaridade no Brasil é presente, é visível, é forte nesse momento. Eu acho que a gente tem de *estartar* novas lideranças no

campo da esquerda, com essa reflexão crítica, e especialmente de bases periféricas, quilombolas, indígenas, favelados. Eu acho que o governo tem tentado fazer de forma assertiva esse processo de aproximar e fortalecer outras e novas lideranças vindas de bases populares para dentro da estrutura de tomada de decisão.

Mas precisa investir também dentro do território. Essa é uma das pautas que eu estou sempre trazendo, que a gente não pode trazer quem está na ponta sem fortalecer a ponta



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

para que novas outras lideranças sigam surgindo. Então, acho que o governo deve estruturar e o que a gente tem de potente já existente hoje. Penso que fortalecer essas lideranças é uma ferramenta central e é dialogar com isso a partir das realidades populares.

Creio que está havendo um esforço do time presidencial em popularizar mais a forma como se comunica, principalmente na era em que a fake news é a grande arma contrária à realidade desse governo, descompromisso com a verdade e a notícia a qualquer custo, sem avaliação.

Olhando para os vários braços do que está acontecendo hoje, dentro da estrutura do governo, acho que existe um movimento que eu curto muito, que é esse, de tentar envolver mais o Brasil numa política que tenha conexão com o nosso olhar para o Brasil, esse pensamento mais de garantia de direitos, de inclusão das pessoas mais à esquerda. E dentro desses processos

de participação, sobre a periferia, a realidade que a gente experimenta é muito ainda a desigualdade, o desemprego, a violência. A segurança pública é uma grande questão desse país.

Eu acho que a fome e o desemprego são a grande questão, mas fortalecer as lideranças no território, principalmente também no campo de investimento em educação e cultura popular. E também reflexões sobre o campo da segurança pública, que é o que diariamente vai ceifando de forma violenta a vida das pessoas que vêm de realidades que eu venho. Temos o aprendizado de dez anos, de estruturas construídas, de projetos estabelecidos dentro das favelas e periferias. E o que eu tento fazer é trazer os aprendizados para essa estrutura do governo, para que se construa esse interesse.

E a gente precisa incentivar que haja novamente a crença na democracia a ponto de participar não só através do voto, mas querer fazer parte. E eu falo isso todas as

vezes nas favelas. Quando a galera me aborda sobre eu ser candidato, eu digo, “cara, eu não vou”. Mas se alguém quiser construir uma caminhada política real de base, eu apoio, bora junto. Temos quatro anos para fazer uma revolução e renovação política, para que haja uma nova juventude participante desse processo. Porque quando eu olho para a direita eu me assusto, porque esses fenômenos já estão acontecendo. Uma galera sem compromisso, baseada em fake news, com milhões de seguidores, que tem uma fala fácil que viraliza, mas que não tem encaminhamentos ou compromissos práticos no fazer real no dia a dia da rotina das coisas. E a gente também tem plena capacidade de construir uma nova geração política de juventudes que ocupem esses espaços com a verdade, com respeito e trabalho.

Há uma aposta que você faz num trabalho que integre poder público e a iniciativa privada para construir novas

realidades. O que você imagina para a regulação do trabalho?

É importante a gente refletir quando fala em poder público e iniciativa privada, porque esse avanço, ou essa conexão, tem de acontecer com todo cuidado. Porque quem é empresa não pensa de forma profunda, 100%, na descentralização de recursos, “toma tudo o que eu tenho e bora fazer uma coisa legal”. Pelo contrário. Quando a gente fala em privatização, precisa ir com os dois pés atrás e entender direitinho esse passo a passo.

As articulações que eu faço são muito em nível territorial. Quando se pensa amplamente numa privatização no país, normalmente as coisas não caminham positivamente no campo da população, pro povo e tal. A realidade fica desigual. É preciso tomar cuidado e ter equilíbrio nessa área, nessa caminhada, na superação. Mas eu penso que pelo campo do trabalho a gente viveu períodos caóticos. No último governo

Bolsonaro, a perda de direitos, que já eram frágeis, foi um tiro muito doloroso, uma violência muito grande para a população, ainda mais em um país tão grande, com desigualdades que marcam não só realidades diversas dentro de cada estado, mas os próprios estados entre si. Então, pensar o campo do trabalho no Brasil é uma das coisas mais importantes, porque não tem emprego para todo mundo e empreender é romantizado.

Por exemplo, eu hoje, quando eu falo que eu sou empreendedor, eu gosto de dizer que eu sou um empreendedor da dor. Eu não acordei, falei “caralho, vou ser empreendedor”. Eu passei necessidade, passei perrengue. A ausência fez eu ter que me virar. E, em algum momento, essa sobrevivência virou um processo, se tornou algo real e você passa a empreender. Eu queria que as pessoas pudessem empreender sem ter que sentir dor, sem ter que sentir ausência, a violência e, na sobrevivência,

ter que correr. E aí, “caramba, nossa, olha só, eu virei um empreendedor”. Não é sobre isso, porque não se destaca uma pessoa enquanto todo mundo está passando perrengue. E essa não é a realidade do Brasil. Então, precisamos debater e conversar mais sobre isso.

Acho que se fala pouco sobre a realidade do trabalho no Brasil. Uma das ferramentas centrais para a mergulhar de forma estratégica nesse mundo como um todo seria não só falar sobre trabalho, mas de educação financeira. Existe um desconhecimento de como se organizar financeiramente nas realidades periféricas. Não no campo de estruturar e organizar o seu dinheiro, mas pela ausência, do investimento real de quem tem dinheiro no Brasil nessas pessoas, na valorização do trabalho, na valorização do fazer, e na inversão da ótica de quem realmente tem o domínio do processo das coisas.

Porque uma mãe preta, periférica, com um salário mínimo, que con-

segue colocar o filho na faculdade, manter a sua casa, tá ligado, mãe solo, fazer isso tudo com o salário mínimo, ela dá aula sobre educação financeira. Mas, na realidade financeira coletiva, isso não recebe investimento, não é valorizado, pelo contrário, é subalterno. Essa pessoa faz isso no campo da sobrevivência, mas não escala nos espaços de trabalho. Muitas vezes acaba desempregada, como é o que a gente viu nos últimos quatro anos. Então, é um tema que precisa ser debatido ainda mais.

Uma grande questão do Brasil é pensar em trabalho e suas complexas diversidades. No último governo a facilitação para empresários mostrou o completo descaso com a população como um todo. Então, os cortes de salários, cortes de possibilidades futuras caso você perca o emprego, os direitos que facilmente os empresários aceitaram. O domínio sobre a tomada de decisão desses processos ficou bem marcado. Mas penso que

também vale olhar para quem detém o capital hoje, quando grandes empresários questionam a taxação de impostos, dizendo que isso vai fortalecer os mais pobres. Isso que está muito explícito sobre a realidade racista do capitalismo, ainda na mão de alguns do capitalismo burguês. E aí a gente fala de capitalismo, que precisamos dele para sobreviver na realidade capitalista. Mas a estrutura do racismo está amplamente ligada ao capitalismo, principalmente a esse capitalismo branco, velho e hétero do Brasil, que traz falas tão absurdas e complexas como essa.

Ou como a gente vê, por exemplo, no caso recente da crise das Lojas Americanas, o nível de sujeira existente nessas estruturas. Então é importante discutir este tema em todas as esferas. Não sei se tenho uma resposta direta e profunda sobre algo tão complexo e que é central no coração do Brasil. Por isso que eu compartilho essa reflexão no sentido não de trazer

uma resposta, mas de provocar. É importante falar sobre esse tema o tempo inteiro, em todos os espaços, com todas as pessoas, pra garantir direitos, para garantir possibilidade, para refletir que não tem emprego para todo mundo, que empreender não pode ser o romance sobre a trilha como ferramenta central, mas entender que, muitas vezes, no caso de quem vem da realidade periférica, a dor é a motivação e as pessoas empreendem para sobreviver, isso não é bonito. Mostra a característica de um país que não valoriza a grande massa trabalhadora do seu país. E um pouco disso entendi que é uma coisa pra pensar profundamente e debater mesmo.

Existe uma multiplicidade de periferias, as indígenas, quilombolas, periferias urbanas, como as ocupações nas regiões centrais. E existem as ruas como expressão tanto de festa como de disputa política. Como é que está esse diálogo entre as diferentes periferias e como é que elas podem

ENTREVISTA COM RAULL SANTIAGO

se encontrar nas ruas?

Eu sempre falo em todos os espaços que a periferia, em suas múltiplas diversidades, é o que movimenta o Brasil. Essa periferia que é tão forte, que é tão potente e tão incrível para nós que compomos ela, mas tão violada e ignorada por essa estrutura de racismo no Brasil como um todo. Não existe espaço hoje que funcione no Brasil em que a periferia não esteja presente. Mas ainda, infelizmente, no campo do trabalho, isso é mais duro e menos valorizado. Então, por exemplo, eu falo que todos os dias as pessoas que vivem nesses territórios periféricos saem de casa antes do sol nascer e pegam duas horas de ônibus lotado pra abrirem as portas e ligarem os interruptores do funcionamento da sociedade. E também são essas as últimas a saírem, desligam as luzes, fecham as portas. Ônibus lotado e volta para sua casa, onde as vezes tem uma operação policial ou teve um confronto entre facções, não sei, e isso atingiu o transformador

de energia elétrica, e ela chega em casa cansada e não tem luz, sacou? Então, a periferia está em todos os lugares, mais ainda nesse campo da sobrevivência. O que a gente faz no nosso trabalho de comunicação é justamente esse levante, esse incentivo da periferia, da favela, se ver como uma grande potência.

O Complexo do Alemão, hoje, é o meu lugar de orgulho, principalmente por conta dos projetos sociais da favela que salvaram a minha vida, das iniciativas que a gente tem falado aqui. Mas eu lembro que, por

exemplo, há muitos anos, antes de ter essa consciência crítica destacada, muitas vezes para eu conseguir um trabalho, para conseguir um curso, eu precisava mentir o meu endereço, eu não falava que morava no Complexo do Alemão, porque dizer que vivia lá poderia fechar portas. Você reflete o quanto isso é violento, ter que negar a sua origem, o seu lugar, para circular numa sociedade que não te aceita. Isso é muito violento. Cada periferia é muito diferente e é de uma riqueza inimaginável, uma riqueza histórica, uma riqueza



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

cultural. Inclusive, se eu pegar você agora para dar um rolê no Complexo do Alemão, a gente vai ver pessoas de origem indígena, quilombola, periféricas do Norte, do Nordeste, que migraram para o Sudeste. Isso mostra como cada periferia é a riqueza cultural, histórica e ancestral desse país.

Eu sempre falo para as pessoas que é como um grande coração, onde os becos são as artérias que bombeiam a vida dentro daquele espaço, e como, e aí me dói muito, como a sociedade olha para aquele lugar e consegue pensar sobre ele apenas sob a ótica de uma violência que é construída na ausência dos direitos, que é semeada de fora para dentro, nessas microviolências existentes e que em médio prazo seriam tão simples de solucionar. Acho que as periferias se encontram o tempo inteiro. Elas se conectam o tempo inteiro em diferentes fases, às vezes na sobrevivência do ônibus lotado, às vezes num projeto social, buscando uma possibili-

dade de fazer mais coisas pelo seu território, às vezes disputando uma única vaga, um espaço de trabalho que faz a gente brigar entre nós. Ela é o centro dos processos da existência. Meu discurso, a minha caminhada é para inverter essa lógica, não da gente dominando os processos, mas da periferia sendo vista como o poder que ela é na sociedade como um todo, no Brasil. Não só na América Latina, mas em outros lugares do mundo, tive a possibilidade de passar que essa cultura, a periferia, é o grande movimentador da existência da sociedade como ela é. Só que ainda muitas vezes explorada e não tendo seus direitos garantidos. Eu vejo a periferia como solução. Se hoje alguém me perguntar ‘o que é que eu tenho que fazer para solucionar as crises que existem no Brasil?’, se o Lula me perguntasse isso agora, eu diria, “cara, olha para a periferia, olha a periferia”. Porque a periferia cria microsoluções nos seus territórios diante da realidade, das desigual-

dades. Na ausência, pela sobrevivência, a gente constrói solução. Então, se a gente aproxima e dá suporte para essas pessoas criarem solução sem precisar ter a ausência como regra central, isso conectado em grande escala, é o Brasil potência periférica.

Eu acho que a periferia, a favela, ela tem exemplos práticos que podem ser replicados e instalados, de se tornarem soluções não só pelos estados, cidades, mas para o país como um todo. ■

Swing do Pelô resiste com educação e alegria nas ruas de Salvador

ROSE SILVA



MESTRE IVÃ.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Foi na Associação Carnavalesca Swing do Pelô que ele se revelou como formador de jovens e mobilizador de público no carnaval. Mestre Ivã se emociona muito ao falar do que passou quando começou a tocar e se orgulha demais ao falar de sua filha, Ivani-ria Silva Souza, a mestra Vanna, que hoje é também seu braço direito nas atividades da associação.

“Para ter esse trabalho e reconhecimento de hoje fui muito humilhado, diziam que eu era maluco, me chamavam de mendigo porque eu pedia ajuda tocando nas ruas”, lembra ele.

O talento para a música está no DNA da família. Aos 15 anos, mestre Ivã gostava mesmo de praticar bike cross. Mas tudo mudou quando recebeu o convite para tocar de

Criado nas ruas do Pelourinho, Ivã Santana Sousa, conhecido como mestre Ivã, teve uma longa trajetória até se tornar conhecido como um dos mais talentosos percussionistas de Salvador. Com dois CDs gravados, já formou pessoas que hoje tocam em grupos famosos como a Timbalada e o Olodum. Mas, para sobreviver, nos velhos tempos, ele já vendeu amendoim, picolés, trabalhou em serviços gerais, como mecânico e garçom.

seu tio, mestre Prego, que tinha uma banda de percussão com os dois filhos e já era reconhecido por participar de gravações com dois ícones do axé: Daniela Mercury e É o Tchan.

Em 1985, formou sua primeira banda, com o irmão, Bimba, chamada Frutos do Pelô, até que decidiu pela carreira solo. Em 1988, criou o Swing do Pelô, uma oficina de

percussão que já completou 41 anos de resistência. Foi nesta época, morando na rocinha, que fica no Pelourinho, que surgiu a ideia de criar um projeto de percussão com meninos e meninas da comunidade, uma iniciativa muito bem-sucedida que lhe deu bastante visibilidade.

“A oficina deu muito certo, atraiu não só as crianças e jovens do Pelourinho mas de outros bairros também. Hoje dia temos nosso projeto com oficina, aulas de etiquetas, aulas de como montar o instrumento, fazer baquetas. E aqueles

jovens que faziam parte do projeto estão tocando em grandes grupos como a Timbalada, o Olodum e bandas de pagode. Estão em outros países e são muito gratos a meu pai, por que sem ele essas pessoas poderiam até estar na rua”, afirma Vanna.

Hoje com 24 anos, mestra Vanna acompanha a história de seu pai desde que nasceu. “Um dia eu estava indo curtir o carnaval e, ao subir a rua Frei Vicente, onde fica a sede da banda, deparei com mais de 50 percussionista perto dele pra pegar fantasias, instru-

mentos. E vi que estava lá sozinho pra atender a todos que iam sair no Bloco da Capoeira. Eu ainda não tocava, mas fui pra frente, peguei sua mão e disse: ‘de agora em diante o senhor não estará mais sozinho, vou ser sua fortaleza’”, lembra ela.

“Quando peguei o meu primeiro instrumento, que foi a marcação, parecia que eu já tinha tocado antes. Na verdade eu já tinha um dom, mas não sabia, e fui dando seguimento. Hoje eu sou vice da banda, organizo tudo. Estou aqui para representar as mulheres na percussão”, afirma.

Pai e filha provam que cotidianamente “todo menino do Pelô, sabe tocar tambor”, como diz a música, e nutrem juntos o grande sonho de tocar fora do Brasil. Enquanto isso, expandem seu projeto ensinando também turistas que visitam Salvador em busca de experimentar instrumentos de percussão. ■



MESTRE IVÁ E MESTRA VANNA. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para conhecer mais o projeto,
siga o Swing do Pelô no
Instagram: @swingdopelo

As periferias e os direitos humanos

Desde o início de 2020 o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos sociais, ativistas e

militantes de todo o país. Durante o mês de dezembro de 2022, foi ao ar um programa com temática relacionada à última edição da **Revista Reconexão Periferias**: “Novos tempos para a defesa dos Direitos Humanos no

Brasil” (edição de dezembro).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira o programa de dezembro e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

06/12/2022: Perfil: Fundação de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves - com Marcelo Soares de Lima

▶ ENTREVISTA 6 DE DEZEMBRO - 17H

PERFIL: FUNDAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS MARGARIDA MARIA ALVES

MARCELO SOARES DE LIMA

Jornalista e assessor de comunicação da instituição

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

ACOMPANHE: [/fundacao.perseuabramo](#) [/FundacaoPerseuAbramo](#)

Mulheres no Rap: fortalecimento da cena feminina no hip-hop



O coletivo Mulheres no Rap, criado em 2020, tem o objetivo de contar a história do movimento hip-hop mostrando e exaltando a importância do papel da mulher nesse cenário, com predominância masculina sob os holofotes. A impressão causada é de que mulheres são minoria na cena, quando, na verdade, a presença delas é crescente e constante. O Mulheres no Rap traz à tona a parte da história que por muitos anos foi apagada. Coordenado por duas mulheres pretas, produtoras culturais, amantes

do hip-hop, o Mulheres no Rap surge a partir da vontade de mudar essa realidade. O coletivo foi idealizado e fundado em 2020, por Leila Campelo, com objetivo de contar a história do movimento hip-hop, mostrando e exaltando a importância do papel da mulher nesse cenário.

Com a ideia do projeto em mente, Leila sentiu necessidade de convidar mais uma pessoa que compartilhasse a mesma vontade de lutar e estivesse disposta a abraçar o coletivo. Com isso, o produtor cultural e amigo das fundadoras, Conde Leo, apresentou a produtora cultural, social media, assessora e rapper, Manu das Rimas. Juntas, realizam ações contando a história do hip-hop que foi apagada de nossas memórias através do audiovisual e das mídias digitais em formato documentário e compartilhando em suas redes sociais biografias de diversas mulheres importantes para o movimento.

O coletivo realizou seu primeiro documentário com cinco episódios no qual contam a história do surgimento da cultura hip-hop e a importância da mulher na origem do movimento. Citam nome de grandes mulheres que influenciaram e foram fundamentais para o gênero, além de contar a biografia algumas mulheres importantes para a cena e suas vertentes. A segunda temporada do documentário foi lançada em 2022, nos cinco episódios já disponíveis no YouTube, o coletivo se aprofunda na história das mulheres no rap da Bahia, começando por Salvador. ■



CONHEÇA MAIS SOBRE O COLETIVO ATRAVÉS DAS REDES:

Youtube: <https://www.youtube.com/@mulheresnorap737>

Site: mulheresnorap.com.br

Instagram: @mulheresnorap

Email: [contato@mulheresnorap.com.br/](mailto:contato@mulheresnorap.com.br)

Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação www.mulheresnacomunicacao.com/ Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Protagonize - Um Norte sustentável para o cooperativismo

Data: 16/02/2023 às 12h a 17/02/2023 às 16h30

Onde: Vilhena - RO (Endereço completo será disponibilizado após a inscrição e o evento será híbrido)

Ingressos: Gratuitos

[Para mais informações](#)

Rua Azusa, O Musical

Data: 18/02/2023 a 21/02/2023

Onde: Teatro Nissi - Av. Brigadeiro Luís Antônio, 884, São Paulo - São Paulo - SP
Ingressos: A partir de R\$ 34,50

[Para mais informações sobre as sessões](#)

Slam da Guilhermina

Data: 24/02/2022 às 19h30

Onde: Local: Praça anexa à Estação Guilhermina Esperança - São Paulo, SP

Cine Encruzilhada

Data: 25/02/2023 às 19h

Onde: Casa das Pretas - Praça Conde de



Azambuja nº 25 Praça da Mandioca - Centro Histórico - Centro Norte, Cuiabá - MT. Ingressos: Gratuito

Mais informações em: entre em contato com o whatsapp (65) 99688-5080

19º encontro do Clube do Livro SAJ

Data: 25/02/2023 das 14h30 às 17h30

Onde: Avenida Dois de Julho, , 2º piso do Shopping Itaguari, Centro Santo Antônio de Jesus, BA

Ingresso: gratuito

[Mais informações](#)

Ballet Stagiui 50 anos apresenta: -"A Semana" - Homenagem à Semana de Arte Moderna de 1922

Data: 26/02/2023 às 19h

Onde: Rua Josef Kryss, 318 - Parque Industrial Tomas Edson, São Paulo - SP, 01140-050

Ingressos: A partir de R\$ 10,00

[Para mais informações](#)

Café com Prosa 2023 - 8º edição

Data: 28/02/2023 e 01/03/2023 das 9h às 18h

Onde: Grande Teatro do Palácio das

Artes - Avenida Afonso Pena, 1537,
Funcionários - Belo Horizonte, MG.

[Mais informações](#)

Abertura do Grupo de Leitura de textos clássicos da Psicanálise: de Freud a Lacan

Data: 28/02/2023 das 14h às 15h30

Onde: Avenida Paulista, 2073,
Edifício Horsa I - São Paulo, SP.
Ingresso: R\$ 60,00 (Preço único)

[Mais informações](#)

História Oral e Educação Antirracista

Data: 15/12/2022 às 18:30

Onde: Auditório do Bloco C - Rua
Bernardo de Vasconcelos, 941,
Auditório do Bloco C - Realengo - Rio
de Janeiro, RJ.

[Mais informações](#)

Webinar das Cidades Digitais da Região Sul do Ceará

Data: 28/02/2023 das 10h às 11h

Onde: ocorrerá pelo canal do
Youtube. [Mais informações](#)

XIV Fórum de Pesquisa e Extensão da Escola de Aplicação da UFPA

Data: 02/03/2023 e 03/03/2023 das
8h às 18h

Onde: UFPA - R. Augusto Corrêa, 01 -
Guamá, Belém - PA, 66075-110

[Mais informações](#)

Acampamento das Camponesas pela defesa da vida das mulheres

Data: 06/03/2023 às 18h

Onde: Maceió - AL

Mais informações: whatsapp (82)
9626-9192 (Edicleide) ou (82) 8887-
8196 (Diana).

[Mais informações](#)

Webinar das Cidades Digitais da Região de Maceió

Data: 14/03/2023 das 10h até às 11h30

Onde: ocorrerá pelo canal do Youtube

[Mais informações](#)

I Simpósio de Estudos Sobre o Recife: Repensando a Metrôpole

Data: 14/03/2023 às 13h até

16/03/2023 às 20h

Onde: Universidade Federal Rural
de Pernambuco - Rua Manuel de
Medeiros, Dois Irmãos, Recife - PE

[Mais informações](#)

Seminário Estadual - Autismo Nos Diferentes Contextos da Vida

Data: 15/03/2023 e 16/03/2023 das 8h
às 16h

Onde: Centro de Eventos Maria Thaler
Moser - Avenida Antônio Carlos
Altenburger, , Centro - Treze Tílias, SC.

[Mais informações](#)

III Fórum Trinacional sobre Violências - Prevenção

Data: 16/03/2023 às 19h e 17/03/2023
18h. Onde: Recanto Cataratas Thermas
Resort - Av. Costa e Silva, 3500 - Parque

Pres. 1, Foz do Iguaçu - PR, 85863-000

Ingressos: Gratuito

[Mais informações](#)

Rap na Rua

Data: 19/03/2023 às 13h

Onde: Praça México, Rua Ada Vaz
Cabeda, 497 - Porto Alegre - RS

[Mais informações](#)

Edital	Foco	Prazo	Link
EDITAL Nº 01/2023 PRÊMIO CARNAVAL 2023	O Governo do Estado de Alagoas, por intermédio da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa, torna público o presente Edital, que trata do Prêmio Carnaval 2023 , para seleção de propostas e concessão de prêmios a Blocos Carnavalescos e Escolas de Samba que se apresentarão durante o ciclo carnavalesco em fevereiro de 2023.	Até 16 de fevereiro de 2023	http://www.cultura.al.gov.br/documentos?task=download.send&id=722&catid=492&m=0
8º Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco	Constitui objeto do 8º Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco a seleção e a premiação de ações exemplares voltadas à proteção, preservação, conservação, salvaguarda e outras formas de acautelamento do Patrimônio Cultural de natureza material e imaterial em todas as macrorregiões do Estado de Pernambuco.	Até 24 de abril de 2023	http://www.cultura.pe.gov.br/editais/
Edital FAPEMA nº 01/2023 - Bolsas de Mestrado no	Contribuir, por meio da concessão de bolsas de mestrado, para a qualificação de professores e pesquisadores do Estado do Maranhão (vinculados ou não a Instituições de Ensino e Pesquisa, públicas ou privadas sem fins lucrativos, no estado do Maranhão), que estejam matriculados em Programa de Pós Graduação (PPG) Stricto Sensu em nível de Mestrado em Instituições de Ensino Superior (IES), públicas ou privadas sem fins lucrativos, fora do estado do Maranhão.	Até 24 de fevereiro de 2023	https://www.fape-ma.br/edital-fape-ma-no-01-2023/

OPORTUNIDADES

<p>Cuéntame un cuento</p>	<p>O Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca (adiante CEB) lança a sexta edição do concurso de relato breve "Cuéntame un cuento". A temática da presente edição é "O samba brasileiro", expressão cultural e elemento fundamental para compreender a identidade brasileira. O tema desta sexta edição será "O samba brasileiro", adaptando-se à alguma das seguintes categorias: personagens (músicos, compositores, intérpretes etc.); o papel da mulher no universo do samba; origens, matrizes, lugares e história do samba; carnaval; escolas de samba; qualquer tema relacionado com o universo do samba.</p>	<p>Até o dia 31 de março de 2023</p>	<p>https://cebusal.es/concurso-de-relato-breve/?lang=pt-br</p>
<p>EDITAL DE CHAMADA PÚBLICA PARA O PROGRAMA LABORATÓRIO DA CENA FUNARTE SP – 2022-2023</p>	<p>Constitui objeto deste Programa a permissão de uso dos espaços da Funarte SP para a realização de atividades de ensaios, pesquisa e criação nas áreas de Artes Cênicas, Música e suas transversalidades.</p>	<p>Até 28 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/12011-edital-de-chamada-publica-para-o-programa-laboratorio-da-cena-funarte-sp-2022-2023</p>
<p>Antologia Estação dos Versos</p>	<p>Regulamento destinado às inscrições de poemas para a antologia "Estação dos Versos", que será lançado na 6ª FLIV - Feira Literária de Varginha.</p>	<p>Até 23 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/12814-antologia-estacao-dos-versos</p>

<p>Artes Cênicas – Arte Educação – Espetáculos não inéditos para a Rede Escolar SESI-SP</p>	<p>Seleção de espetáculos não inéditos, com foco em arte-educação, nas diversas linguagens da cena (teatro, dança, circo, teatro de bonecos e de animação, teatro performativo, entre outras) para apresentações individuais e/ou circulação na Rede Escolar do SESI-SP, em espaços alternativos (pátio escolar, ginásio esportivo, sala de aula e demais espaços não convencionais), cujas unidades estão localizadas em diversas cidades do Estado de São Paulo em 2023.</p>	<p>Até 17 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://capta-caoprojetosculturais.sesisp.org.br/</p>
<p>Artes Cênicas – Cultura Plural – Espetáculos inéditos e não inéditos com artistas com deficiência</p>	<p>Seleção de espetáculos inéditos e não inéditos nas diversas linguagens da cena (teatro, dança, circo, teatro de bonecos e de animação, teatro performativo, entre outras) para apresentações nos Espaços Culturais do SESI-SP localizados em todo o Estado de São Paulo em 2023, que tenham a presença em cena de, pelo menos, um artista com qualquer tipo de deficiência. Sendo que, são considerados artistas em cena: atores, bailarinos, performers, ou qualquer pessoa que esteja participando do espetáculo ocupando o espaço cênico.</p>	<p>Até 17 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://capta-caoprojetosculturais.sesisp.org.br/</p>
<p>Editais de credenciamento para oficinas culturais - Projeto TRANSFORMARTE - Fucisf</p>	<p>Constitui objeto deste Edital, a Seleção e Credenciamento de 86 (oitenta e seis) Oficinas Culturais para o Projeto Transformarte, cada uma com 20h (vinte horas), a serem desenvolvidas em ambiente escolar, contraturno, com o fim de levar a cultura aos bairros de São Francisco do Sul, atingindo alunos do ensino fundamental.</p>	<p>Até 14 de fevereiro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/12724-edital-de-credenciamento-para-oficinas-culturais-0012023-projeto-transformarte-fucisf</p>

OPORTUNIDADES

1ª Chamada do Podáali: Amazônia Indígena Resiste	O Edital tem como objetivo apoiar iniciativas de povos, comunidades e organizações indígenas da Amazônia brasileira nas seguintes linhas: Gestão e proteção territorial e ambiental indígena; Economia sustentável e soberania alimentar e Fortalecimento institucional e promoção de direitos.	Até 20 de fevereiro de 2023	https://prosas.com.br/editais/12817-1a-chamada-do-podaali-amazonia-indigena-resiste
Edital Aipê e BNDES: Negócios Rurais Inclusivos	A chamada busca selecionar projetos que fomentem a inclusão social e a autonomia de pequenos produtores rurais em situação de vulnerabilidade social, por meio do fomento e fortalecimento de negócios rurais inclusivos, preferencialmente que causam impacto positivo ao meio ambiente e sua comunidade.	Até 20 de março de 2023	https://capta.org.br/oportunidades/edital-aipe-e-bndes-negocios-rurais-inclusivos/
Centros Culturais	O resultado da seleção deste Edital irá compor a programação dos CCBBs em Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, nos próximos anos	Até 03 de março de 2023	https://www.bb.com.br/site/patrocínios/
Edital da Fundação John Deere	Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.	Inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos

<p>Aliança Regenerativa</p>	<p>Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa</p>
<p>Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</p>
<p>Edital da Fundação John Deere</p>	<p>Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos</p>



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



WWW.FPABRAMO.ORG.BR